



A³P - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA
ESCOLA POLYTECHNICA DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA NACIONAL DE
ENGENHARIA – ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ
ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A³P – nº 189 – outubro de 2020
Av. Rio Branco, 124/21º andar – Centro – Rio de Janeiro
Tel: (21) 98876-0098 ou (21) 3938-7435 ou 7436

Site: www.a3p.poli.ufrj.br  @A3Politecnica e-mail: a3p@poli.ufrj.br

A engenharia nacional perde um dos seus mais ilustres engenheiros: Pedro Carlos da Silva Telles.



Prof. Pedro C. da Silva Telles no Gabinete da Presidência do Clube de Engenharia, em 2006.

Em 30 de agosto de 2020 o Brasil perdeu um dos seus mais ilustres engenheiros: PEDRO CARLOS DA SILVA TELLES.

Engenheiro, professor e historiador, o Prof. Silva Telles legou para a história e a ciência brasileira a monumental obra intitulada “História da Engenharia no Brasil”, em dois volumes, relatando e analisando fatos, apresentando imagens, documentos, cartas, leis e referências históricas relativos a engenharia no Brasil, desde o século XVI até os meados da década de 1970.

Também como professor de engenharia mecânica foi autor de outro importante livro técnico, “Tubulações Industriais”, obra considerada obrigatória para a formação de inúmeras gerações de engenheiros mecânicos por todo o território brasileiro.

Apresentava uma profunda admiração pela Escola Politécnica da UFRJ, por onde obteve o título de

Engenheiro Mecânico em 1947, na então denominada Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. Ao mesmo tempo, sendo um apaixonado pela engenharia brasileira, publicou “História da Engenharia Ferroviária no Brasil” e “História da Construção Naval no Brasil”. Há pouco tempo, em 2017, lançou sua última obra “Notáveis empreendimentos da Engenharia no Brasil”. Autor de vários outros livros, o Professor Silva Telles legou para a sociedade brasileira as bases de um rico e complexo campo histórico para pesquisas por parte de docentes, estudantes e pesquisadores sobre o desenvolvimento da engenharia e da ciência no Brasil.

Em 2007 a A³P sentiu-se honrada ao conceder-lhe o título de Engenheiro Eminente.

Nesse sentido, a A³P apresenta esse boletim especialmente dedicado a Pedro Carlos da Silva Telles. Para tanto convidamos associados da A³P, professores, pesquisadores, ex-alunos e amigos de Silva Telles para darem seu depoimento sobre a sua importante obra, bem como sobre a querida figura humana que foi. Apresentamos também um dos seus últimos artigos enviados para publicação no Boletim da A³P.

Histórias da História da Engenharia

Autor: Eng. Pedro C. da Silva Telles

A Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

A Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, inaugurada em 1905, e inicialmente denominada Avenida Central, foi a obra mais importante do grande plano de remodelação da cidade do Prefeito Eng. Francisco Pereira Passos.

Com uma reta de quase 2 km, cortando em diagonal de mar a mar o centro antigo da cidade, foi a avenida que maior impacto causou e maiores consequências teve embora não tenha sido a primeira grande avenida construída no Brasil: pelo menos duas outras foram mais antigas, a Avenida Paulista, de 1891, em São Paulo, no alto do espigão do Caaguaçu, e a Avenida Afonso Pena, inaugurada em 1897, com a inauguração da nova cidade de Belo Horizonte.

A abertura da Avenida Central foi uma sacudidela na cidade que ainda guardava o aspecto colonial, dos séculos anteriores. Para a sua construção foi necessária a demolição de 585 prédios, entre grandes e pequenos. Por isso, a reação da opinião pública a essa obra foi semelhante à que provocou, em nossos dias, a construção de Brasília: incredulidade e espanto. Todos achavam um sonho irrealizável, para não dizer uma loucura. Diziam que a avenida levaria anos para ser concluída, que custaria milhões, só em desapropriações. Ninguém praticamente acreditava em sua viabilidade. As críticas diretas também eram muitas, e não apenas dos que iam ser desapropriados ou desalojados; dizia-se até que a avenida seria perigosa, porque sua largura excessiva causaria correntes de ar e gripes na população!

No início da obra, devido ao casario existente, não era possível a visada direta de um extremo ao outro do eixo da avenida, e assim o mesmo foi locado através de uma poligonal passando pelas ruas vizinhas. Por isso, em junho de 1904, apareceu em um jornal sensacionalista a notícia logo explorada por políticos contrariados: “O eixo da avenida está torto!” Justamente indignado com a intriga, Paulo de Frontin, que era o engenheiro-chefe da obra, distribuiu uma nota afirmando ser “absolutamente falso que o traçado da Avenida Central esteja errado”, e convidando o conselho deliberativo de Clube de Engenharia a examinar as plantas e projetos da avenida, ao que o referido conselho agradeceu e resolveu não aceitar, declarando-se “de pleno acordo com a afirmação categórica e definitiva do Dr. Frontin de que não havia erro no traçado”.

A largura da avenida, -33 metros-, contrastava fortemente com as estreitas ruas e vielas do centro da cidade, escandalizando a gente conservadora. Basta dizer que a largura média das ruas do centro era de seis metros, e que a atual Av. Marechal Floriano era popularmente conhecida como “Rua Larga” por ter uma largura um pouco maior. Aliás, a largura da Av. Central tem uma história curiosa, como contou-nos o Eng. Aônio Travassos cujo pai, Eng. João de Mattos Travassos, fez parte da “Comissão Construtora” da avenida. O chefe da obra, Eng. Paulo de Frontin, queria fazer uma avenida monumental, que se rivalizasse com as grandes avenidas de outras importantes capitais do mundo, adotando para isso a largura de 50m. Assim estava sendo locada a avenida pelo Eng. Travassos – encarregado desse serviço - quando veio a ordem do Prefeito para que a largura fosse de 30m. Houve protestos, mas a ordem tinha de ser cumprida. Mesmo assim, o Eng. Travassos pediu que a largura fosse aumentada um pouco, e sugeriu 33m: “É um bom número, é a idade de Cristo!” Diante desse argumento irrecusável, Frontin concordou, e a avenida ganhou 33m de largura. O Prof. Maurício Joppert da Silva, conta ainda que esse erro proposital foi mantido em sigilo para o Prefeito, até que se transformasse em um fato consumado.

Para a construção da avenida foi necessário cortar as abas do antigo Morro do Castelo e também do Morro de São Bento. Havia na época a crença generalizada que no interior do Morro do Castelo existiam

galerias e labirintos subterrâneos, onde os jesuítas teriam escondidos riquezas fabulosas, quando foram expulsos do Brasil em 1759. Havia até obras publicadas descrevendo esses subterrâneos, -como a memória escrita em 1801 pelo Padre Ignácio dos Santos Meirelles-, além de artigos em jornais e numerosos documentos que circulavam na época, todos dados como absolutamente autênticos. Quando em 1903 foi feito um corte na aba do morro o Eng. Pedro Dutra Filho encontrou uma galeria com salas abobadadas, e essa descoberta aguçou ainda mais a curiosidade popular; a galeria entretanto estava vazia, e não se ligava mais a coisa alguma.

No jornal “*O Paiz*”, de 2 de junho de 1905, há uma minuciosa descrição desses pretensos subterrâneos, cheios de armadilhas, alçapões, poços profundos e outros perigos mortais para os que se atrevessem neles penetrar. O “subterrâneo” saíria por trás do altar-mor da velha igreja dos jesuítas, em cima do morro. A descrição do jornal tinha por objetivo orientar e alertar os exploradores. O nosso colega Eng. Aônio de A. Travassos mostrou-nos um curioso desenho desses subterrâneos, indicando, com riqueza de detalhes, todos os seus terríveis perigos. Esse e outros documentos foram na ocasião encaminhados por pessoas de respeito ao Ministro da Viação, ao Chefe da obra (Eng. Paulo de Frontin), e a outras autoridades, como também mostrou-nos o Eng. Travassos.

Anos mais tarde, na década de 1920, quando o Morro do Castelo foi afinal completamente arrasado, voltaram a crescer os mesmos boatos. Mas, para quem esperava encontrar riquezas escondidas a decepção foi grande: nada se encontrou.

Como disse Affonso Arinos, no seu livro sobre Rodrigues Alves, com a inauguração da Avenida Central “deslocou-se o centro do Brasil, da Rua do Ouvidor, via colonial, intransitável para os recentes automóveis e também para os novos hábitos e novas idéias... Paris surgia à vista, com a miniatura, embora em começo, de sua ópera e cópia do seu *boulevard*... Abria-se visivelmente, materialmente, o caminho do Século XX”.

A “Comissão Construtora da Avenida Central” foi chefiada pelo Eng. Paulo de Frontin, que teve como auxiliares imediatos os Engs. José Valentim Dunham, Clemente Gomes, Manoel da Silva Oliveira e Eugenio de Andrade Dodsworth. Em 1912, a Avenida Central foi rebatizada de Av. Rio Branco, em homenagem ao grande chanceler, falecido naquele ano.

Obs.: O Prof. Silva Telles havia encaminhado esse trabalho para o nosso associado Léo Fabiano, para uma futura publicação no Boletim da A³P.



Homenagem ao Prof. Silva Telles.

Autora: Museóloga Rosana Torres

O nome do Professor Pedro Carlos da Silva Telles está inscrito, definitivamente, na História da Engenharia brasileira. Sendo ele, Engenheiro Civil, formado em 1947 pela Escola Nacional de Engenharia, atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Silva Telles foi essencial para a consolidação do Museu da Escola Politécnica e para a minha formação como Museóloga. Nesse contexto, o Museu havia sido criado no início dos anos 70, mas suas atividades, propriamente ditas, só começaram por volta do ano de 1976, na gestão do então Diretor da Escola de

Engenharia, Prof. Hugo Cardoso da Silva, preocupado com a preservação de um acervo de tão grande importância para a história da engenharia nacional.

Em meados dos anos 70 iniciei como estudante do curso de Museologia, no que seria mais tarde o Museu da Escola Politécnica da UFRJ. Com um rico acervo constituído por instrumentos importados, telas a óleo, mobiliários, fotografias, oriundos dos Laboratórios, Salas de Aula, Gabinetes da Escola Politécnica do Largo de São Francisco, tornou-se um vasto campo de estudo.

Um dos pontos mais importantes desse acervo é a coleção de telas a óleo, a maioria do século XIX que retratam antigos catedráticos notáveis, engenheiros e professores.

O livro “História da Engenharia no Brasil”, dentre outros, de autoria do Prof. Silva Telles, foi fundamental para a identificação dos personagens que ali encontram-se retratados. Além disso, sua contribuição na formação dos engenheiros mecânicos foi muito significativa com o lançamento do livro “Tubulações Industriais”, referência para os especialistas nesta área.

Dessa maneira, em seus livros pudemos conhecer, também, os detalhes da história da própria Escola, desde o seu início de funcionamento ao final do século XVIII, o que nos deu toda a base para o levantamento de todo o acervo do Museu, trabalho feito por mim e por minha colega de turma, Lais Drichel. Assim, os livros do prof. Silva Telles tornaram-se meus “livros de cabeceira”.



Vamos ganhar Silva Telles?

Autor: Prof. Édison Renato Pereira da Silva

Perdemos Silva Telles.

Eu o conheci tardiamente, em 2013, quando ele publicou o livro sobre a história da Escola Politécnica. Peguei seu telefone na diretoria da Poli para perguntar onde conseguiria comprar os exemplares de seu “História da Engenharia no Brasil”, esgotado até nos sebos na época. Expliquei que o considerava o maior historiador da engenharia no Brasil. Ele brincou: “claro, sou o único!”. E riu. Os livros ele não me indicou onde comprar, mas me convidou para ir até sua casa e consultá-los à vontade.

Não pensei duas vezes. Fui no dia seguinte, um domingo. Dei sorte, pois não consultei as obras, e sim o autor. Conversamos longamente por duas ou três horas. Ele me apresentou à sua esposa, suas cuidadoras, suas obras, sua biblioteca. Ele me mostrou seu manuscrito “A Engenharia e os Engenheiros na Sociedade Brasileira”. Manuscrito mesmo, escrito à mão. As figuras eram recortes de jornais ou de livros ou fotografias, como era o primeiro exemplar do Moisés de física – quem estudou nele, lembra. Também me mostrou seu livro “120 Notáveis Empreendimentos da Engenharia Brasileira”, que ainda estava inacabado e tinha uns 50 empreendimentos já escritos. Havia também um outro livro de histórias e memórias engraçadas de família, e mais um de “Pequenas histórias da Petrobrás”, com casos vividos na empresa onde Pedro Carlos trabalhou antes de se tornar professor de sua amada Escola Politécnica. E me mostrou uma grande riqueza que possuía muito bem guardada: o diploma de graduação de Augusto Carlos da Silva Telles, seu avô, o primeiro engenheiro industrial da Escola Politécnica, formado em 1877. Eu, engenheiro de produção e que sempre aprendi que tal curso se iniciou quase 100 anos depois, me emocionei e me vi diante da necessidade de investigar a história da engenharia de produção mais profundamente, coisa que faço até hoje com o professor Leonardo Navarro, de nosso departamento.

Pedro Carlos da Silva Telles e a história da ciência.

Autor: Prof. Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho

Pedro Carlos da Silva Telles faleceu há poucos dias, 30/08, aos 95 anos. O Professor Silva Telles, como era conhecido, nasceu na cidade de Petrópolis, RJ, em 25 de fevereiro de 1925. Em 1947, formou-se pela Escola Nacional de Engenharia, antiga Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde durante mais de quatro décadas foi docente. Também foi professor nos cursos do Instituto Militar de engenharia (IME), do Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro e da Petrobrás.

Sempre atuante em associações e congressos, Silva Telles era membro titular da Academia Brasileira de Engenharia Militar (ABEM), sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF) e da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC). Cabe destacar a participação de Pedro Silva Telles, desde o primeiro momento, nos congressos do campo de história da ciência e tecnologia. Já no “Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia”, promovido pela SBHC, que teve lugar em São Paulo em meados de 1988, Silva Telles apresentou o trabalho “A engenharia no Brasil e a sua evolução”.

Autor de diversos artigos publicados em periódicos especializados e mais de 13 livros, podemos citar “História da Construção Naval no Brasil”, de 2001 e “A Construção Naval no Brasil”, de 2004 que, respectivamente, reúne 10 artigos publicados pela Revista Marítima Brasileira a respeito da indústria da construção naval no Brasil; e apresenta um panorama da construção naval, a partir da apresentação de 54 navios emblemáticos, como o galeão “Padre Eterno”, de 1666, considerado o maior navio do mundo à época.

Dentre algumas das publicações da última década, temos a “Escola Politécnica da UFRJ – A mais antiga das Américas, 1792: das origens à atualidade”, publicado em 2010 por ocasião da celebração dos 218 anos da instituição e “História da Engenharia Ferroviária no Brasil”, de 2011, que apresenta o processo de construção e desenvolvimento das ferrovias nacionais ao longo da história.

Citemos ainda a obra “História da Engenharia no Brasil” (vol. I e II), que se constitui como referência obrigatória para os estudos sociais da engenharia, técnica e tecnologia, e que em 1985 ganhou o prêmio Jabuti na categoria Ciências (Tecnologia).

Os dois volumes oferecem aos leitores um panorama da evolução geral da engenharia no Brasil, caracterizado pelos seguintes períodos: colonial e até metade do Século XIX, em que as atividades de engenharia tiveram principalmente motivação política, com a predominância da engenharia militar; de 1850 até a década de 1920, fortemente marcado pela construção ferroviária, seguida da construção de portos, obras públicas, etc.; período observado até aproximadamente 1950, marcado por grandes obras de concreto armado; e, por fim, o período de 1950 em diante, em um contexto de expansão industrial, grandes obras públicas e diversificação de atividades.

No primeiro volume, que abrange os séculos XVI a XIX, o autor remete aos primórdios daquele campo no país, resgatando importantes marcos no desenvolvimento da Engenharia, com a sistematização de suas bases científicas e fundação de instituições voltadas ao seu ensino; já no segundo, Telles apresenta o processo de maior diversificação das atividades de engenharia, que marcou as primeiras décadas do século passado, e que se expressou no alargamento do mercado de trabalho dos engenheiros, expandindo a atuação da categoria que, até então, concentrava-se no ramo da engenharia ferroviária, o que conduziu, de igual maneira, a um processo de especialização profissional.

Particularmente, o estudo desta obra imprescindível está na base da pesquisa desenvolvida por mim junto ao grupo de pesquisadores, bolsistas de iniciação científica e orientandos da pós-graduação. Através desse hercúleo e primoroso trabalho de levantamentos de dados científicos, numéricos, biográficos e

históricos, muito do nosso ofício como historiadores ganha um novo sentido, qualitativo, que se expressa em um olhar cada vez mais atencioso e metuculoso na produção da pesquisa histórica.

Nota: Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho é Pesquisador Titular da Coordenação de História da Ciência e Tecnologia (COHCT) do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTIC) e Professor do Programa de Pós-Graduação em História – UNIRIO.



Pedro Carlos da Silva Telles (1925-2020)

Autora: Professora Nadja Paraense dos Santos

Neste ano, em que a Universidade Federal do Rio de Janeiro completa 100 anos, não se pode perder a perspectiva que são muitas comemorações. A Universidade do Rio de Janeiro criada em 1920 parte de três pilares: a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito. A história da Engenharia no Brasil se confunde com as origens da Escola Politécnica, cuja origem remonta ao ano de 1792, quando o Vice-rei Conde de Resende criou, no Rio de Janeiro, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho.

Graças às pesquisas em arquivos e bibliotecas, fontes na busca de traços concretos ou escritos da história da instituição realizada com afincamento pelo engenheiro Pedro Carlos da Silva Telles podemos encontrar os vestígios da história da engenharia brasileira. Suas pesquisas originaram as obras “História da Engenharia no Brasil - Século XX” (1993); “História da Construção Naval no Brasil” (2001); “Construção Naval no Brasil” (2004) e ainda “História da Engenharia Ferroviária no Brasil” (2010); “Escola Politécnica da UFRJ – A mais antiga das Américas, 1792: das origens a atualidade” (2011), “A Engenharia e os Engenheiros na Sociedade Brasileira” (2015) e “Notáveis Empreendimentos da Engenharia no Brasil” (2017), além dos inéditos “O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História 1889-1946” e “O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História 1946-2005”.

Suas obras são, e continuarão sendo, utilizadas como referência para as pesquisas não só sobre a história da engenharia brasileira, mas também sobre a história da Escola Politécnica/UFRJ como local privilegiado de atividade científica, cada qual, a um só tempo, produtor e produtos de seu momento histórico, como nos lembra Silvia Figueiroa (2000) ao citar Roger Hahn (1971) "a instituição científica é a bigorna em que os valores da Ciência e da Sociedade são moldados numa forma viável".

Nota: A Professora Nadja Paraense dos Santos é docente do Programa de Pós-Graduação em História da Ciência e Epistemologia da UFRJ, já tendo orientado inúmeras teses de doutorado e dissertações de mestrado na área de História da Ciência.



Panegírico em Louvor ao Professor
Pedro Carlos da Silva Telles

**pronunciado pelo Conselheiro Prof. Israel Blajberg na Reunião Virtual da Diretoria e Conselho
Diretor da A3P – Associação dos Antigos Alunos da Politécnica em 03/set/2020**

Autor: Prof. Israel Blajberg

Fui honrado com a incumbência de pronunciar algumas palavras em nome da A3P recordando o eminente e já saudoso Prof. Silva Telles, em momento de tristeza mas ainda assim oportuno, eis que estão aqui reunidos mesmo que virtualmente uma plêiade de atuais e antigos alunos e professores da célula mater da Engenharia Nacional, associados, diretores e conselheiros da nossa querida A3P, mais antiga associação de ex-alunos da UFRJ, até hoje localizada no sítio onde há mais de 2 séculos D. João VI mandou instalar a Academia Real Militar, da qual descende a atual Escola Politécnica da UFRJ;

A Associação faz justiça à memória do distinto ex-aluno e professor desta casa, que mui justamente ombreia entre tantos expoentes da nacionalidade que aqui estudaram e lecionaram,

Assim, é em meio a ricas tradições que hoje prestamos justa homenagem póstuma ao grande estudioso desta temática, Professor Silva Telles, tão querido e admirado, consagrado pela nossa A3P como Engenheiro Eminente de 2007, reconhecendo merecidamente sua relevante contribuição a engenharia e a história, engrandecendo a profissão e a nacionalidade.

Nascido em Petrópolis, foi da turma de 47 da ENE-UB, mantendo a tradição familiar iniciada por seu antepassado, capitão de engenheiros Rufino José Felizardo e Costa, seu avô Augusto Carlos da Silva Telles, da terceira turma da Polytechnica de 1877, e seus tios Francisco T. da Silva Telles e Mauricio Augusto da Silva Telles.

Era Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Membro Titular da Academia Nacional de Engenharia e da Academia Brasileira de Engenharia Militar, e Sócio da Sociedade Brasileira de História da Ciência.

Publicou importantes obras, referências clássicas na historiografia da engenharia brasileira, das quais destaca-se a História da Engenharia no Brasil, que mereceu os prêmios Jabuti e Clio; obra trazida a lume pelo Clube de Engenharia, bem como mais de meia centena de artigos em várias revistas nacionais e estrangeiras, e diversas obras técnicas adotadas nas escolas de engenharia, como a clássica Projeto de Tubulações.

Foi uma vida inteira dedicada incansavelmente a engenharia, ensino e história, sempre animado pela mística dos tempos saudosos do Largo de São Francisco de Paula, que o acompanhou na jornada que iria marcar a trajetória daquele jovem aluno, durante décadas de trabalho profícuo iniciadas no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, em seguida na Shell do Brasil e por mais de 20 anos na Petrobrás. Foi consultor técnico do Instituto Brasileiro do Petróleo, professor da Escola Politécnica e do Instituto Militar de Engenharia.

Tanto devemos ao Professor Silva Telles, cultivando as gloriosas tradições da nossa querida escola, fantástico trabalho de preservação da memória daquele sítio impregnado de história,

Eminente Professor Silva Telles, aqui deixamos o nosso melhor muito obrigado por perenizar esta saga, herança das ricas tradições da aula de engenharia e fortificações ... do seu passado de glórias, uma aura paulatinamente se transferindo para os corações politécnicos, acalentada pelos espíritos protetores que pairam sobre aquela edificação, construída para ser uma catedral, chama virtual que manteremos acesa, fazendo com que as glórias do passado não sejam esquecidas.

Professor Silva Telles, excelso mestre, ao ser justamente acolhido pelo criador no Mundo Vindouro, seus muitos amigos e admiradores pesarosos se despedem, formulando sentidas condolências a sua DD Família, agora que sua alma se incorpora à corrente da Vida Eterna. Amém.

iblaiberg@poli.ufrj.br

A figura cativante de Pedro Carlos da Silva Telles.

Autor: Prof. Heloi José Fernandes Moreira

Corria o ano de 1996. Eu acabara de assumir a direção da Escola de Engenharia – EE/UFRJ. Como Vice-diretor eu precisava completar o mandato do Prof. José Hain Benzecry iniciado em 1994 e que, por razões pessoais, precisou sair do cargo.

Estava preocupado, pois havia estudado engenharia em outra universidade, na PUC/RJ. Perguntava-me como representar a instituição se não conhecia com profundidade a sua trajetória histórica. Havia passado 23 anos com a minha atenção praticamente dedicada ao Laboratório de Máquinas Elétricas do Departamento de Eletrotécnica, nome na época do atual Departamento de Engenharia Elétrica da POLI/UFRJ.

Tinha um conhecimento por alto da história da Escola. Lembrava-me que em 1992, sob a direção do Prof. Cláudio Luiz Baraúna Vieira, a EE/UFRJ havia comemorado seus 200 anos de criação, sob o nome de Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. Mas, por outro lado, que em 1974 a Associação dos Antigos Alunos da Politécnica – A³P havia realizado uma série de eventos em comemoração aos 100 anos da Escola Politécnica! E onde estava a Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, a famosa ENE da UB dos meus tempos de vestibular? Isso tudo era muito confuso para mim.

Certo dia, após almoçar no “Burguesão” do CT, passei por um quiosque de alvenaria que havia no piso térreo em frente a entrada do Bloco H. Não era um quiosque de alimentação e sim ali eram vendidos jornais do dia, revistas, livros, materiais diversos para estudantes como canetas, etc. Entrei despreocupadamente e me deparei com um livro de capa azul, grosso, intitulado História da Engenharia no Brasil – Séculos XVI a XIX, de Pedro Carlos da Silva Telles. Imediatamente pensei: aqui deve ter tudo que eu preciso saber. Folheando-o, encontrei no sumário o Capítulo X: A Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Não tive dúvidas, comprei-o. No caminho encontrei o Prof. Fernando Amorim, da Naval, e mostrei o livro para ele.

- Olha o que eu encontrei lá no quiosque do H, falei com alegria.

- Ah sim, mas tem um outro volume, o relativo ao Século XX, retrucou.

Quase não acreditei. Havia encontrado o caminho para resolver a minha constante preocupação. Naquele dia não voltei direto para casa. Fui para o centro da cidade em busca do segundo volume. Não o encontrei nas livrarias modernas, mas um vendedor me indicou a Livraria São José, que estava funcionando na Rua 1º de Março, perto da Rua do Ouvidor. A rigor era um sebo que havia iniciado as suas atividades na Rua São José. Ali encontrei o segundo volume. Tão denso quanto o primeiro.

Fiquei literalmente apaixonado pelas duas obras. Professores têm disso: apaixonam-se pelos livros que dirimiram as suas dúvidas.

Em casa, comecei a analisar o primeiro volume. Logo no Capítulo I – A engenharia no Brasil - Colônia, observei que nele havia nada mais nada menos, do que 244 referências! Fui ver os outros capítulos e esse grande número de citações de repetia! Peguei o segundo volume e encontrei no capítulo “As Estradas de Ferro” 370 citações! Não tive dúvidas: essa é uma obra monumental, impossível de ser igualada.

Desde então essas obras do Prof. Silva Telles são as minhas principais referências para a história da engenharia brasileira. E, pelo o que conheço, raríssimas são as dissertações de mestrado e teses de doutorado, pelo Brasil afora, que não se referenciam ao Prof. Silva Telles.

Conheci-o em 1998, quando da minha primeira posse como diretor da Escola Politécnica. O Prof. Flavio Miguez de Mello era o Presidente da A³P e convidou todo o corpo social da entidade para o evento. Entre inúmeros ex-alunos e professores, alguns muito conhecidos, lá estava o Prof. Silva Telles. Apresentado a ele chamou-me a atenção sua figura franzina, com uma fala mansa e suave. Mas um olhar atento. Ao final da cerimônia, ao se despedir, simplesmente me disse: Parabéns. Pensei comigo, de poucas palavras faladas, mas quanto as escritas...

E assim iniciou em mim a grande admiração que nutri por ele. Falávamos por telefone, eu sempre querendo saber algo mais sobre a história da Politécnica e da engenharia brasileira. Lembro-me que em certa ocasião lhe perguntei se a Av. Rebouças, em São Paulo, tinha essa denominação em homenagem ao André Rebouças ou ao irmão José Rebouças, na medida em que esse último havia se radicado naquela cidade. Prontamente respondeu: ao André! E então indaguei-o sobre o porquê. Simplesmente respondeu: porque foi o mais importante. E assim ficou.

Tal foi o uso dos seus livros que a capa de um deles começou a se desprender. Mandei fazer uma encadernação capa dura primorosa e, após prontas, pensei: preciso pegar a dedicatória dele. Telefonei para ele e disse o que desejava. Assim, combinamos de eu ir a sua casa na Rua Voluntários da Pátria. Lá chegando conheci a sua esposa, D. Vera, figura também franzina e doce como ele. Lembrei-me da minha mãe. Dona Vera ofereceu-me um cafezinho delicioso em xícara de porcelana. Após isso, sempre que combinávamos de eu ir à sua casa eu brincava perguntando: mas terá aquele cafezinho da D. Vera? E ele respondia: Sim! Infelizmente, após 2014 não houve mais o cafezinho da D. Vera.

Em 1999 começou um movimento entre alguns professores para que fosse resgatado o nome de origem da Escola de Engenharia como instituição civil, o que havia ocorrido em 1874: Escola Politécnica. Procurei-o e comentei o que estava ocorrendo. Disse-me então: - De muito boa providência. Excelente iniciativa.

Perguntei se ele poderia escrever um texto para ser apresentado à Congregação da Escola apoiando a iniciativa. – Sim, farei isso, disse simplesmente. E assim, a Escola Politécnica da UFRJ resgatou o seu nome de origem, ocorrido oficialmente, somente em 2004.

Enquanto estive como Diretor da Escola Politécnica volta e meia insistia junto ao Prof. Silva Telles para escrever um livro dedicado somente a história da Escola. Infelizmente, por razões financeiras, não conseguimos concretizar essa ideia na minha gestão. Mas, felizmente, o Diretor em seguida, Prof. Ericksson Rocha e Almendra, demonstrando sensibilidade às coisas importantes para a Escola, deu condições para a viabilização desse projeto. Assim, em 2010, o Prof. Silva Telles lançou o livro “Escola Politécnica da UFRJ: a mais antiga das Américas, 1792: das origens à atualidade.” E deixou-me emocionado e profundamente agradecido quando li no prefácio do livro: “*tive grande alegria quando o ilustre professor Heloi Moreira, então diretor da Escola, me pediu para escrever esta história.*”

E não poderia ser outro a fazê-lo. Do alto do seu vasto conhecimento, das profundezas dos meandros dessa rica história, do seu lastro como historiador da engenharia brasileira para buscar os mais importantes fatos históricos, só mesmo o Professor Pedro Carlos da Silva Telles apresentava o estofado necessário para tanto.

Em 2006, estando eu como Presidente do Clube de Engenharia, o Diretor Cultural Alcides Lyra Lopes propôs que incentivássemos o Prof. Silva Telles a dar continuidade ao seu livro. Afinal o Clube de Engenharia esteve envolvido nas edições dos dois volumes que compõem a sua obra.

O segundo volume, relativo ao Século XX, abrangeu até o início da década de 1980 e, em consequência, já se havia passado mais de 25 anos. Convidamos o Prof. Silva Telles para conversarmos sobre a ideia. Acertadamente, ele nos fez ver o quanto difícil e oneroso seria o empreendimento. A engenharia havia se desenvolvido e diversificado muito durante esse pouco tempo, tanto pelo uso de novos materiais, quanto pela aplicação dos computadores nos projetos, técnicas construtivas e de manutenção, o desenvolvimento da eletrônica e a sua interface com quase todos os inúmeros novos ramos da engenharia, as questões ambientais e de segurança, etc. Enfim, tal projeto lhe exigiria um enorme esforço, uma grande equipe e um longo tempo. Prof. Silva Telles tinha toda razão.

Isso reforçou a minha noção da grandiosidade da sua obra, praticamente impossível de ser continuada nos mesmos moldes que ele a iniciou e concluiu.

Em 2009, realizando meu doutoramento em história da ciência na UFRJ, apresentei um trabalho sobre historiografia da engenharia brasileira relativa ao Século XIX. Como não poderia deixar de ser, a grande referência foi o primeiro volume de sua obra, História da Engenharia no Brasil, Séculos XVI a XIX. Naquela ocasião tive a oportunidade e o orgulho de fazer a seguinte apreciação sobre o seu livro: “Sem sombra de dúvida, o trabalho de Pedro Carlos da Silva Telles que se está considerando é a obra mais completa sobre a engenharia brasileira no século XIX e anteriores. A partir da sua edição, esse livro tem sido referência para todos os livros, teses e artigos publicados sobre a história da engenharia brasileira desse período. Ao prefaciar a sua obra, Silva Telles demonstra o seu espírito meticuloso e de quem tem a experiência e a percepção de que fazer história é um processo de construção acumulativa, e que nenhum autor, individualmente ou não, consegue esgotar qualquer assunto”, escrevi.

Em seguida, transcrevi parte do prefácio que o Prof. Silva Telles escreveu em maio de 1984:

“Esse livro não é, nem poderia ser, um trabalho de pesquisa exaustiva, o que exigiria uma verdadeira equipe, durante longo tempo e em vários pontos do Brasil e até no exterior. A consulta às fontes primárias foi pequena, tendo sido a maior parte em material já publicado algum dia: livros, revistas, jornais, artigos, etc. Acredito, por isso, que as descobertas sejam poucas. A minha intenção foi, principalmente, fazer um apanhado geral da evolução da engenharia entre nós, em seus diversos aspectos, reavivando a memória de fatos e de nomes quase ignorados ou já de há muitos esquecidos. É como se fosse a tentativa de montagem de um imenso puzzle, cujas pedras estão espalhadas e perdidas em um enorme número de fontes por esse Brasil afora. Iniciei apenas essa montagem: muitas outras pedras ainda estão faltando, que espero venham a ser objeto de estudo e pesquisa, de outros que tenham mais tempo, mais condições ou mais paciência para encontrá-las. Por esse motivo, é provável que tenha havido omissões de fatos ou personalidades, talvez importantes, ligados à história da engenharia no Brasil. Devido a impossibilidade de conferir e confrontar todo o imenso volume de informações colhidas nas diversas fontes bibliográficas, é possível também que tenham escapado algumas incorreções. Por tudo isto, peço desculpas e compreensão ao leitor e ao público”.

Embora não possa concordar com a frase inicial - *“Esse livro não é, nem poderia ser, um trabalho de pesquisa exaustiva”* -, pois não conheço outra obra sobre o assunto tão exaustiva e profunda, suas palavras demonstram uma personalidade honesta, criteriosa, modesta, próprias de quem faz um trabalho sério, duradouro, com vigor e dedicando-se ao máximo que suas forças permitem. Essa era imagem que construí sobre o Prof. Silva Telles: uma pessoa que aparentemente poderia ser considerada frágil, mas que, a rigor, possuía a fortaleza dos grandes homens.

No início de 2017 recebi uma ligação da senhora que lhe ajudava na lida diária:

- Prof. Heloi, disse, o Prof. Silva Telles quer falar com o senhor.
- Ótimo, será muito bom conversar com ele, respondi.

Ela passou o telefone para ele.

- Alô, disse com voz enfraquecida.

- Prof. Silva Telles, como o senhor vai?

- Vou bem, disse-me ele. E nada mais acrescentou.

Diante do silêncio, indaguei:

- E o senhor, o que está fazendo? Escrevendo algum novo livro? perguntei.

- Sim, foi a sua resposta. E novamente seguiu-se o silêncio.

Percebendo a dificuldade que estava ocorrendo em se entabular um diálogo, sugeri:

- Eu vou lhe visitar. Poderemos conversar melhor.

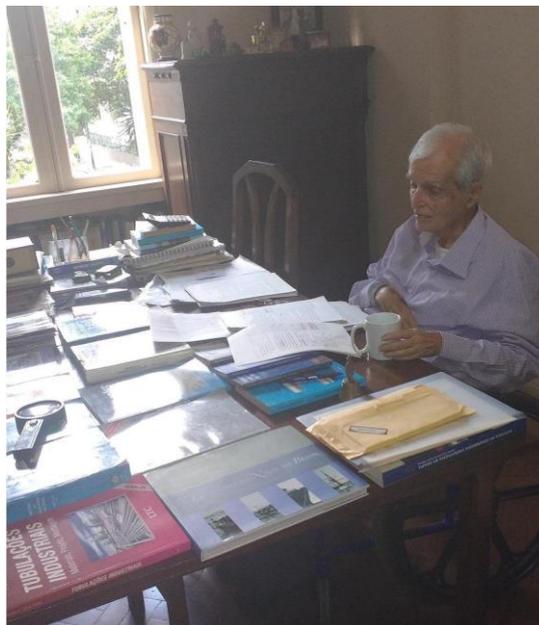
- Venha, concluiu. E assim a ligação se encerrou.

Dias depois estive em sua casa. Lá chegando, encontrei-o na sua sala de preferência, postado a frente da sua mesa de trabalho e expondo em cima dela todos os livros que escreveu. Contou-me que estava lançando um livro sobre os grandes empreendimentos da engenharia brasileira, já em fase final de editoração. Conversamos sobre seus livros e perguntei qual era o que ele mais gostava. Disse-me:

- De todos!

Fizemos umas fotos. Pouco tempo depois recebi o convite para o lançamento do livro “Notáveis empreendimentos da Engenharia no Brasil”, no IHGB. Estivemos presente, juntamente com Flavio Miguez de Mello, Olavo Cabral Ramos Filho, Francis Bogossian e outros. Sua diligente filha Lucia o acompanhava, escrevendo a dedicatória e ele só assinava. Seu olhar não apresentava mais a vivacidade de outrora. Olhando distante, parecia pensar e com toda razão: “Escrevi a maior obra sobre a história da engenharia brasileira”.

Este é o meu tributo a Pedro Carlos da Silva Telles, com grande admiração.



Prof. Silva Telles em sua residência, diante da sua monumental obra. (2017)



Diretoria (mandato até 2021)

Presidente: Heloi José Fernandes Moreira
1º Vice-Presidente: José Paulo Soares de Azevedo
2º Vice-Presidente: Cláudia do Rosário Vaz Morgado
Diretor Administrativo: Elaine Garrido Vasquez
Diretor 1º Tesoureiro: Eduardo Linhares Qualharini
Diretor 2º Tesoureiro: Fernando Artur Brasil Danziger.
Diretor Técnico-Cultural: Sérgio Hamsphire de Carvalho Santos.
Vice-Diretor Técnico-Cultural: Silvio de Souza Lima.
Diretor Social: Rodrigo Costa Muniz.

Conselho Fiscal (mandato até 2021)

Bernardo Griner, Ericksson Rocha e Almendra e Léo Fabiano Baur Reis.

Conselho Diretor (Conselheiros Eleitos)

Mandato até 2020: Abílio Borges, Jacob Wainer, José Caetano dos Prazeres, Paulo José Poggi da Silva Pereira e Wilhelm Brada. (Obs. Nesse ano de 2020, devido a pandemia do COVID-19, não houve renovação do terço do Conselho Diretor.)

Mandato até 2021: Cleófas Paes de Santiago, Fernando Tourinho, Israel Blajberg, Maria Regina Duarte da Rocha, e Raquel Mattoso.

Mandato até 2022: Attílio Oliveira Assumpção, César Drucker, Joaquim José de Mello Bastos, José Pines e Paulo Cezar Pinto.

Membros Natos:

Ex-Presidentes Fernando Emmanuel Barata, Flávio Miguez de Mello e Leizer Lerner, Associados Beneméritos, Diretor da Escola Politécnica e Presidentes da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros, do Clube de Engenharia e do Centro Acadêmico da Escola Politécnica.

Mesa do Conselho Diretor:

Presidente: Jacob Wainer.
Vice-Presidente: Attílio Oliveira Assumpção.
Secretário: Paulo Poggi Pereira.